

DINÂMICA DOS HOMICÍDIOS NA REGIÃO NORTE DO BRASIL¹

Danilo Santa Cruz Coelho²

Alisson Gomes dos Santos³

Henrique José de Paula Alves⁴

SINOPSE

Neste estudo, analisamos a evolução histórica das ocorrências de homicídios na região Norte, considerando suas Unidades da Federação (UFs). Os resultados obtidos indicam uma estabilidade temporal na prevalência de vítimas pardas, com escolaridade incompleta e jovens entre 15 e 29 anos. Observou-se também um aumento recente na proporção de homicídios cometidos com o uso de arma de fogo. Além disso, verificou-se uma convergência entre as taxas de homicídio dos municípios menores em relação aos demais municípios, assim como entre os municípios do interior e os da região metropolitana.

Palavras-chave: região Norte; homicídios; dinâmica de violência; conflitos.

1 INTRODUÇÃO

A região Norte do Brasil vem registrando seguidos aumentos no número de mortes violentas. No relatório do *Atlas da Violência* (Ipea, 2021), é sugerido que algumas das explicações para esse aumento residem nas associações do narcotráfico com crimes ambientais, como grilagem, garimpo ilegal e desmatamento. Além disso, a falta de integração das autoridades estaduais e federais no combate aos crimes na Amazônia Legal e ao desmatamento, e a disputa de território por facções criminosas, pode ter também contribuído para o aumento crescente de mortes violentas na região Norte do Brasil.

Este artigo objetiva descrever a evolução histórica das ocorrências de homicídios na região Norte, por UFs. Essas foram estratificadas nas categorias de gênero, idade, escolaridade e raça. Também, analisaram-se os índices de homicídios por tamanho de municípios e entre municípios do interior e região metropolitana. Assim, propõe-se analisar a dinâmica de homicídios dos estados e das UFs que compõem a região Norte, entre 2010 e 2020.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: na seção 2, será apresentada, brevemente, a metodologia utilizada; na seção 3, será detalhada a obtenção da base de dados utilizada; na seção 4, serão apresentados os resultados e as discussões das análises; por fim, na seção 5, a conclusão de todo o conteúdo discorrido ao longo do texto e algumas possibilidades de pesquisas futuras serão apresentadas.

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/bapi36art1>

2. Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Diest/Ipea); e doutor em economia pela Universidad Autonoma de Barcelona. *E-mail:* danilo.coelho@ipea.gov.br.

3. Bolsista do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Diest/Ipea; graduado em economia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); mestre em economia aplicada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel); e doutorando em economia aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail:* alisson.santos@ipea.gov.br; alissonsongs11@yahoo.com.br.

4. Formado em estatística pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop); mestre em estatística e experimentação agropecuária pela Universidade Federal de Lavras (Ufla); e doutor em estatística e experimentação agropecuária pela Ufla. *E-mail:* jpahenrique@gmail.com.

2 METODOLOGIA

Neste estudo, será considerada a taxa de homicídios por 100 mil habitantes nas UFs da região Norte do Brasil, definida como a razão entre o número de ocorrências e a população total em cada uma das UFs dessa região, para cada 100 mil habitantes no ano corrente.

Para este estudo, a base de dados foi retirada do DataSus e considera o Código Internacional de Doenças (CID-10), contemplando como homicídio as categorias X85 a Y09 (agressões) e Y35 a Y36 (intervenções legais e operações de guerra). Além disso, essas informações foram estratificadas por gênero, idade, escolaridade e raça. Conforme já mencionado, a variável de interesse está apresentada em termos de taxa por 100 mil habitantes. Para a construção das taxas de homicídios, considerou-se a projeção da população residente anualmente, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apesar de os dados estarem disponíveis para lapsos temporais maiores, restringiu-se a avaliação apenas para o período mais recente, englobando ao menos uma década de informação, entre 2010 e 2020. Outro elemento importante sobre os dados foi a preferência por uma menor desagregação para a coleta dos dados, ou seja, em nível municipal. Na medida das necessidades do estudo, considerou-se agrupar por região e UFs.

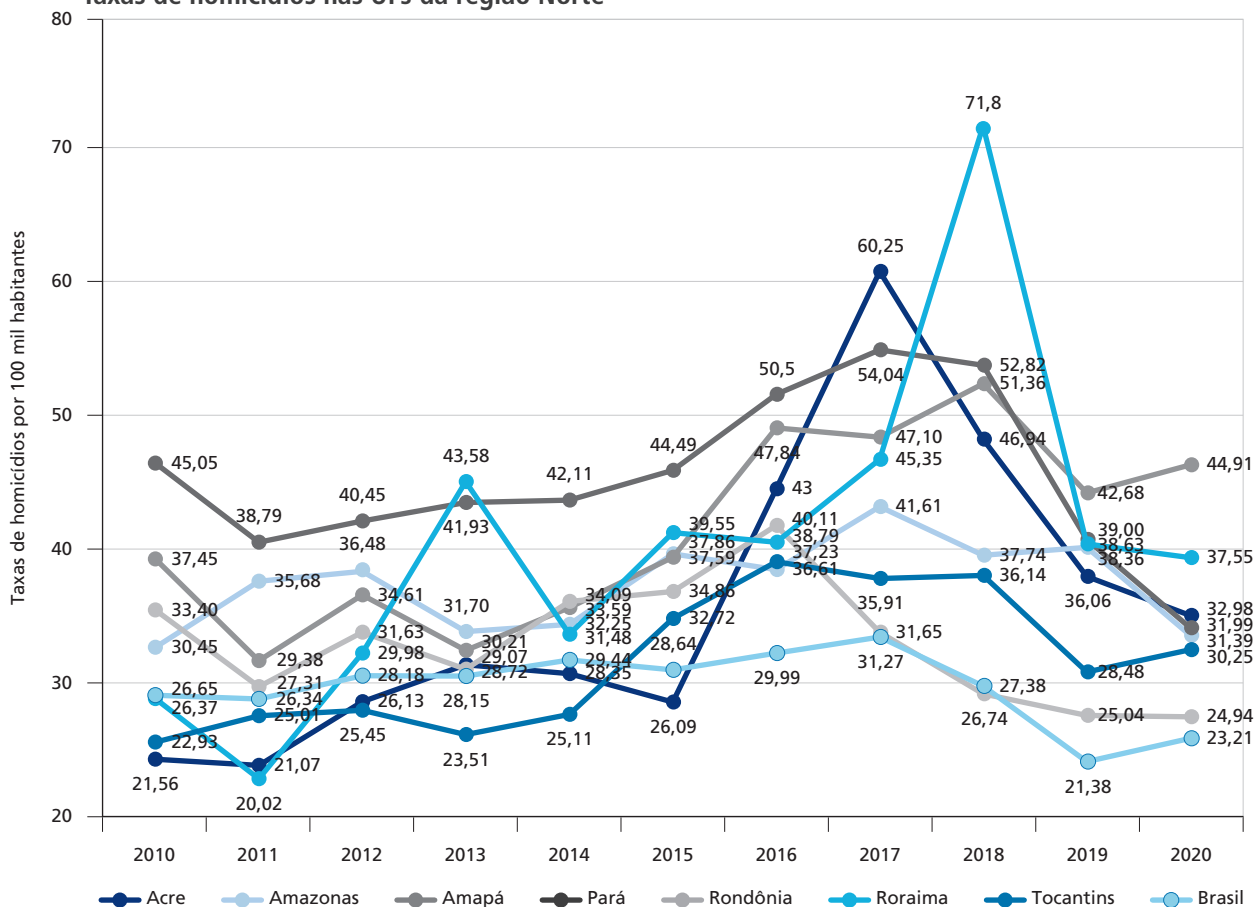
3 RESULTADOS: DESCRIÇÃO TEMPORAL

No gráfico 1, são avaliadas as taxas de homicídios por UFs da região Norte. É importante destacar que todas as UFs dessa região apresentaram taxas de homicídios superiores à taxa registrada pelo Brasil entre 2010 e 2020. Além disso, merece destaque o fato de que os estados do Acre e Roraima atingiram taxas especialmente elevadas, com valores superiores a 70 por 100 mil habitantes em 2018, chegando a ser duas e três vezes maior que a taxa nacional registrada.

No gráfico 2, é apresentado o percentual das vítimas de homicídio na região Norte, estratificado por cor e raça, revelando um aumento no peso relativo das vítimas negras, ou seja, pretas e pardas. No Brasil, para o mesmo período analisado, a composição racial das vítimas correspondeu a 66% de negros em 2010 e aumentou para 76% em 2020. Já na região Norte, aproximadamente em todos os períodos, os negros corresponderam a pelo menos 90% do perfil racial das vítimas. Isso indica que, na região Norte, o percentual de vítimas negras é consistentemente maior em comparação com o cenário nacional.

Destaca-se que os indígenas, embora representem uma parcela relativamente pequena, tiveram um crescimento significativo na participação do perfil racial das vítimas a partir de 2016, atingindo 1,8% dos homicídios na região em 2020, correspondendo a um aumento de 350,0% em relação a 2010. Esse crescimento relativo do número de vítimas indígenas pode estar associado a conflitos por invasão de terras, principalmente com o avanço do desmatamento e garimpo ilegal na região. Salienta-se que, para a análise da composição racial, excluiu-se o total de vítimas cuja categoria racial é indefinida, evitando assim qualquer subclassificação ou sobreclassificação para qualquer categoria.

GRÁFICO 1
Taxas de homicídios nas UF da região Norte

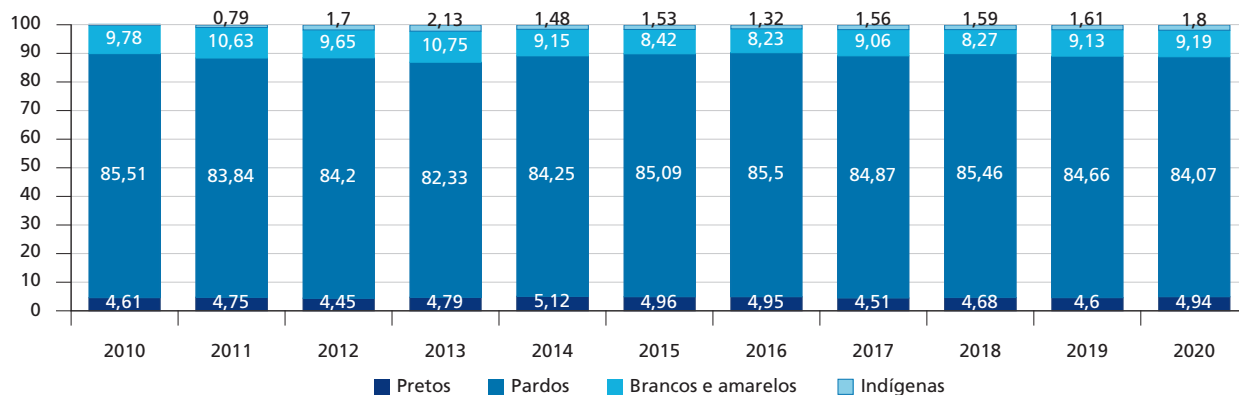


Fonte: IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

GRÁFICO 2
Distribuição do número de homicídio por cor e raça nas UF da região Norte
(Em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração dos autores.

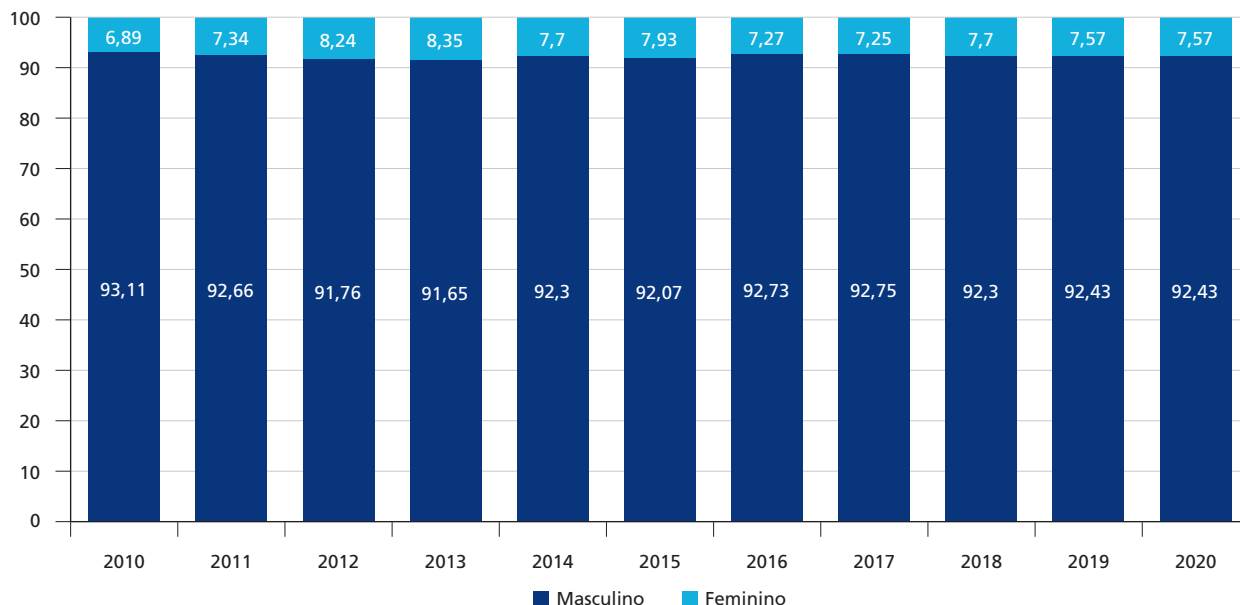
Obs.: O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

Em sentido complementar, analisou-se o perfil por gênero das vítimas de homicídios. O gráfico 3 apresenta a distribuição relativa dos homicídios ao longo do tempo por categoria de gênero. Na região Norte, os homens foram a maior parcela das vítimas, representando mais de 90% dos homicídios ao longo do período. Em apenas dois períodos, em 2012 e 2013, as vítimas do sexo feminino representaram mais do que 8% dos casos de homicídios na região Norte.

GRÁFICO 3

Distribuição do número de homicídio por gênero nas UFs da região Norte

(Em %)



Fonte: IBGE.

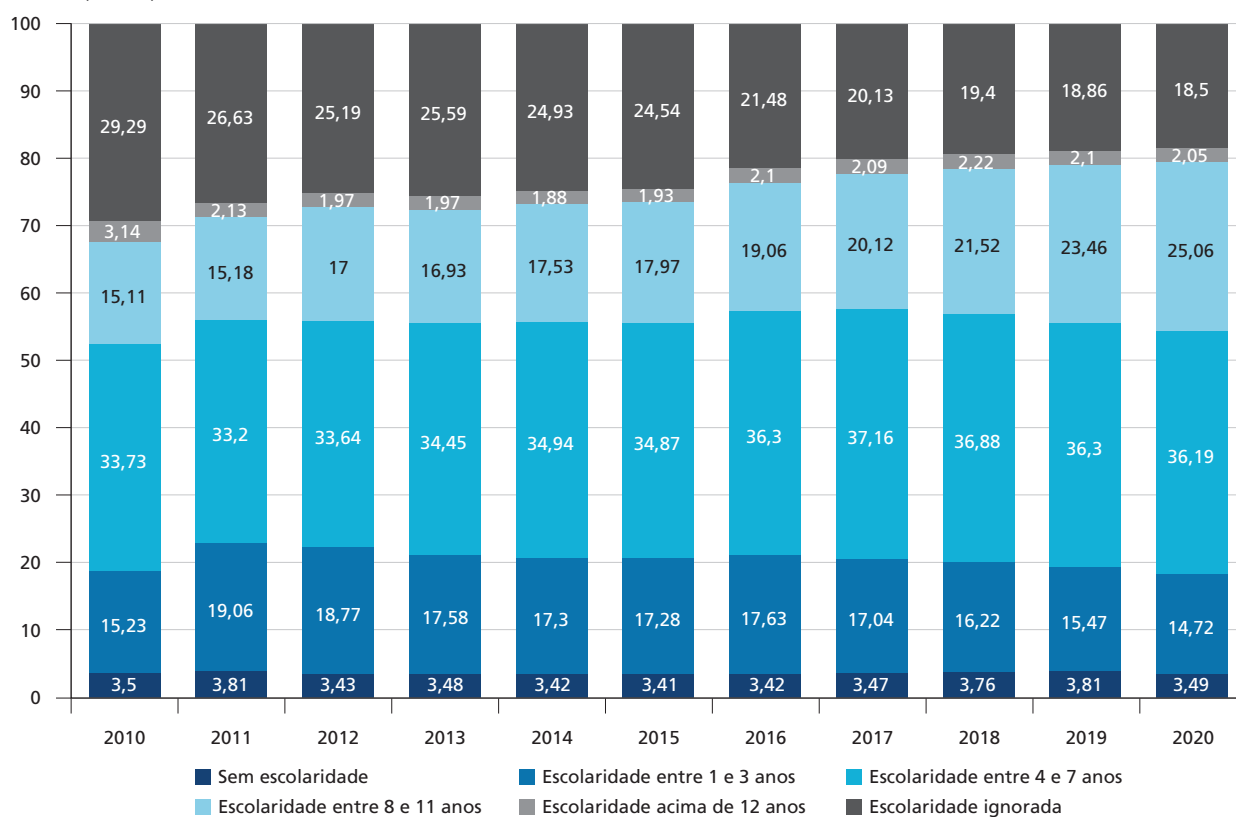
Elaboração dos autores.

Obs.: O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

O gráfico 4 apresenta o percentual de vítimas na região Norte, categorizadas por escolaridade, sendo divididas entre sem escolaridade; escolaridade entre 1 e 3 anos; escolaridade entre 4 e 7 anos; escolaridade entre 8 e 11 anos; escolaridade acima de 12 anos; e escolaridade ignorada. Observa-se que o grupo com escolaridade entre 4 e 7 anos possui o maior número relativo de vítimas, ou seja, indivíduos que abandonaram a escola antes de completar o ciclo básico. Em 2010, esse grupo representou cerca de 33,73% das vítimas e, em 2017, atingiu o maior nível relativo da série, com aproximadamente 37,16%.

Em contrapartida, o grupo entre 8 e 11 anos não foi o segundo maior em termos relativos em 2010, mas foi o grupo que mais cresceu ao longo do tempo. Ele saltou de 15,11% para 25,06%, representando um crescimento de 62,0% entre 2010 e 2020. O grupo com escolarização entre 1 e 3 anos manteve-se estável ao longo do tempo, apresentando uma variação expressiva momentânea entre 2011 e 2017, mas retornando ao patamar próximo ao inicial em 2019 e 2020. Também pode-se afirmar que o grupo com maior nível de escolarização, acima de 12 anos, teve o menor peso relativo na distribuição das vítimas de homicídios na região Norte ao longo do período analisado.

GRÁFICO 4
Distribuição do número de homicídio por escolaridade nas UFs da região Norte
(Em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

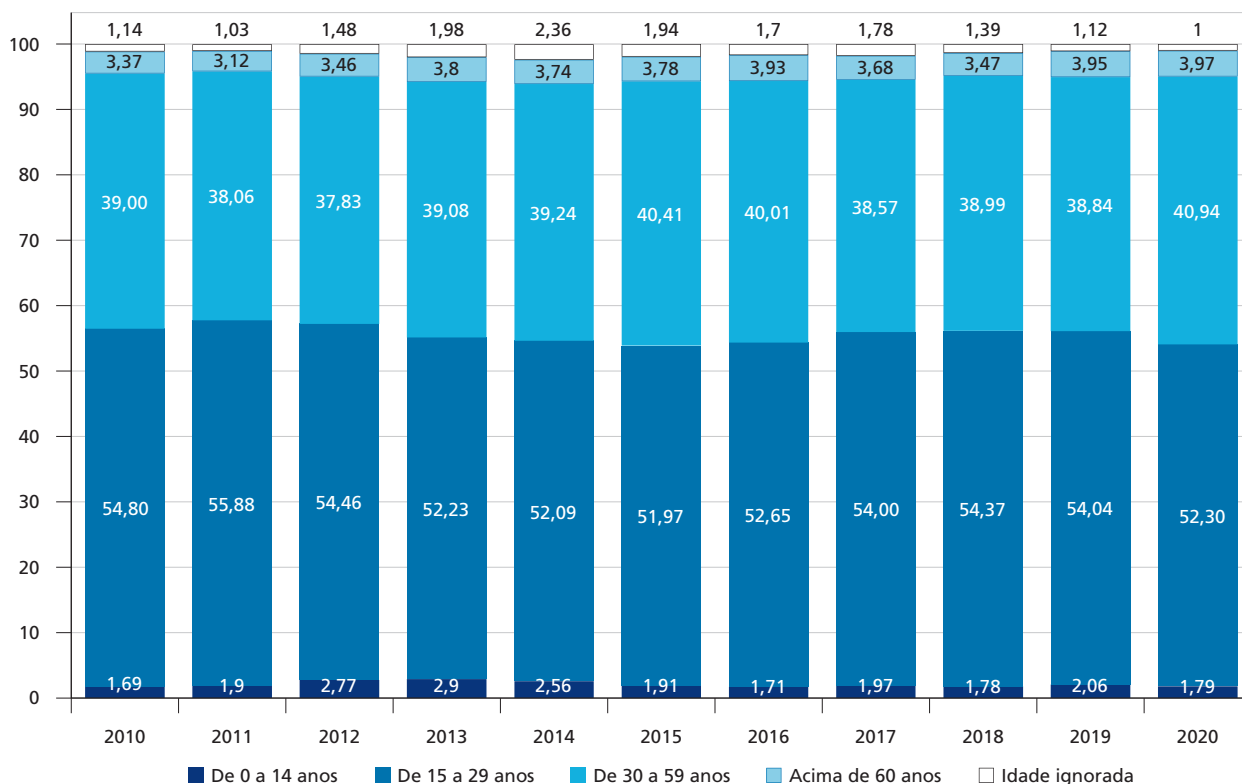
No gráfico 5 é apresentado o percentual de vítimas de homicídio por faixa etária. Ao analisá-lo, é possível identificar um comportamento padrão e continuado na região Norte: taxa percentual de vítimas superior a 50% entre indivíduos jovens, cuja idade está na faixa etária de 15 a 29 anos.

Em 2010, os jovens representaram cerca de 54,0% do total de vítimas de homicídio na região Norte, enquanto em 2020 esse valor chegou a 52,30%. Esses números indicam que, ao longo desse período, a maioria das vítimas de homicídio na região Norte situava-se na faixa etária jovem, mostrando uma prevalência contínua de violência letal entre os jovens ao longo do tempo.

A segunda faixa etária com o maior número de vítimas corresponde aos adultos, com idades entre 30 e 59 anos. Em 2010, esse grupo representava cerca de 39,0% das vítimas de homicídios na região Norte. Apesar de ser relativamente pequeno, houve um crescimento em comparação com o final da série, em que atingiu 40,94% das vítimas em 2020.

As demais faixas etárias, ou seja, as vítimas com idades de 0 a 14 anos, acima de 60 anos e com idade ignorada representam aproximadamente 7% do total de vítimas. Isso demonstra que o comportamento da curva de vítimas, do ponto de vista das faixas etárias, mantém uma assimetria à esquerda da curva de distribuição de idade, o que significa que a maioria das vítimas estão concentradas nas faixas etárias mais jovens e adultos.

GRÁFICO 5
Distribuição do número de homicídios por faixa etária nas UFs da região Norte
 (Em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

Com base na agregação dos períodos entre 2011-2015 e 2016-2020, e considerando a população do Censo de 2010 como base para o cálculo, a taxa de homicídios da região Norte foi avaliada por tamanho de município, onde municípios com até 100 mil habitantes foram considerados pequenos; entre 100 mil e 500 mil habitantes foram considerados médios; e acima de 500 mil habitantes foram considerados grandes. Essa avaliação permitiu analisar qual foi a variação observada nos municípios em cada estrato populacional em relação à taxa de homicídios.

A tabela 1 apresenta os resultados dessa análise, que indicam as taxas de homicídios para os diferentes tamanhos de municípios da região Norte durante os períodos em questão. Porém, os valores específicos da tabela não foram fornecidos no texto. Destaca-se que a região Norte possui apenas dois municípios com população superior a 500 mil habitantes, conforme a população mediana em cada intervalo temporal analisado. Isso significa que a grande maioria dos municípios na região pertence aos estratos populacionais de pequenos e médios municípios.

A análise desses dados permite compreender como as taxas de homicídio variam de acordo com o tamanho do município na região Norte e auxilia na identificação de possíveis padrões ou diferenças significativas entre os diferentes estratos populacionais em relação à violência letal na região.

TABELA 1
Número de vítimas e taxa média de homicídios por tamanho de município (2011-2015 e 2016-2020)

Habitantes (0 a 100 mil)			2011-2015		2016-2020		Variação (%)	Posição final
Município	UFs	População mediana	Número	Taxa média	Número	Taxa média		
Geral	-	75.84.601	11.904	31,39	15.625	38,85	23,76	-
Novo Progresso	Pará	25.151	133	105,76	111	86,18	-18,51	5
Alto Alegre	Roraima	16.315	85	104,19	126	161,13	54,64	1
Caracarái	Roraima	19.696	88	89,35	95	88,10	-1,40	4
Habitantes (100 a 500 mil)			2011-2015		2016-2020		Variação (%)	Posição final
Município	UFs	População mediana	Número	Taxa média	Número	Taxa média		
Geral	-	4.471.669	10.032	44,86	12.295	50,17	11,83	-
Altamira	Pará	105.105	462	87,86	526	92,93	5,71	1
Marituba	Pará	117.614	492	83,66	465	71,91	-14,04	2
Marabá	Pará	251.886	1.017	80,75	908	66,01	-18,25	5
Habitantes (acima de 500 mil)			2011-2015		2016-2020		Variação (%)	Posição final
Município	UFs	População mediana	Número	Taxa média	Número	Taxa média		
Geral	-	3.406.971	8.978	52,70	9.428	51,94	-1,44	-
Belém	Pará	1.424.852	4.003	56,18	4.295	57,86	2,97	1
Manaus	Amazonas	1.982.119	4.975	50,19	5.133	47,85	-4,67	2

Fonte: IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35.

Conforme a tabela 1, entre os municípios pequenos, houve uma variação de 23,76% entre os dois períodos analisados. O destaque desse grupo foi o município de Novo Progresso (Pará), que entre 2011 e 2015 apresentou a maior taxa de homicídios, correspondendo a 105,76 vítimas para cada 100 mil habitantes na média por ano. Já entre 2016 e 2020, o município de Alto Alegre (Roraima) figurou na pior posição, saindo de 104,19 para 161,13 na média por ano, representando um aumento de 54,64% no período.

Ainda sobre esses resultados, nos municípios de tamanho médio, as taxas de homicídio geral permaneceram elevadas entre os dois períodos analisados, sendo 44,86 entre 2011 e 2015 na média por ano, e 50,17 na média por ano entre 2016 e 2020, representando um aumento de 11,83%. Em relação aos municípios com taxas mais elevadas, entre 2011 e 2015, destaca-se Altamira (Pará), com 462 vítimas e uma taxa média de homicídios de 87,91, tendo um aumento de 5,71% entre 2016 e 2020.

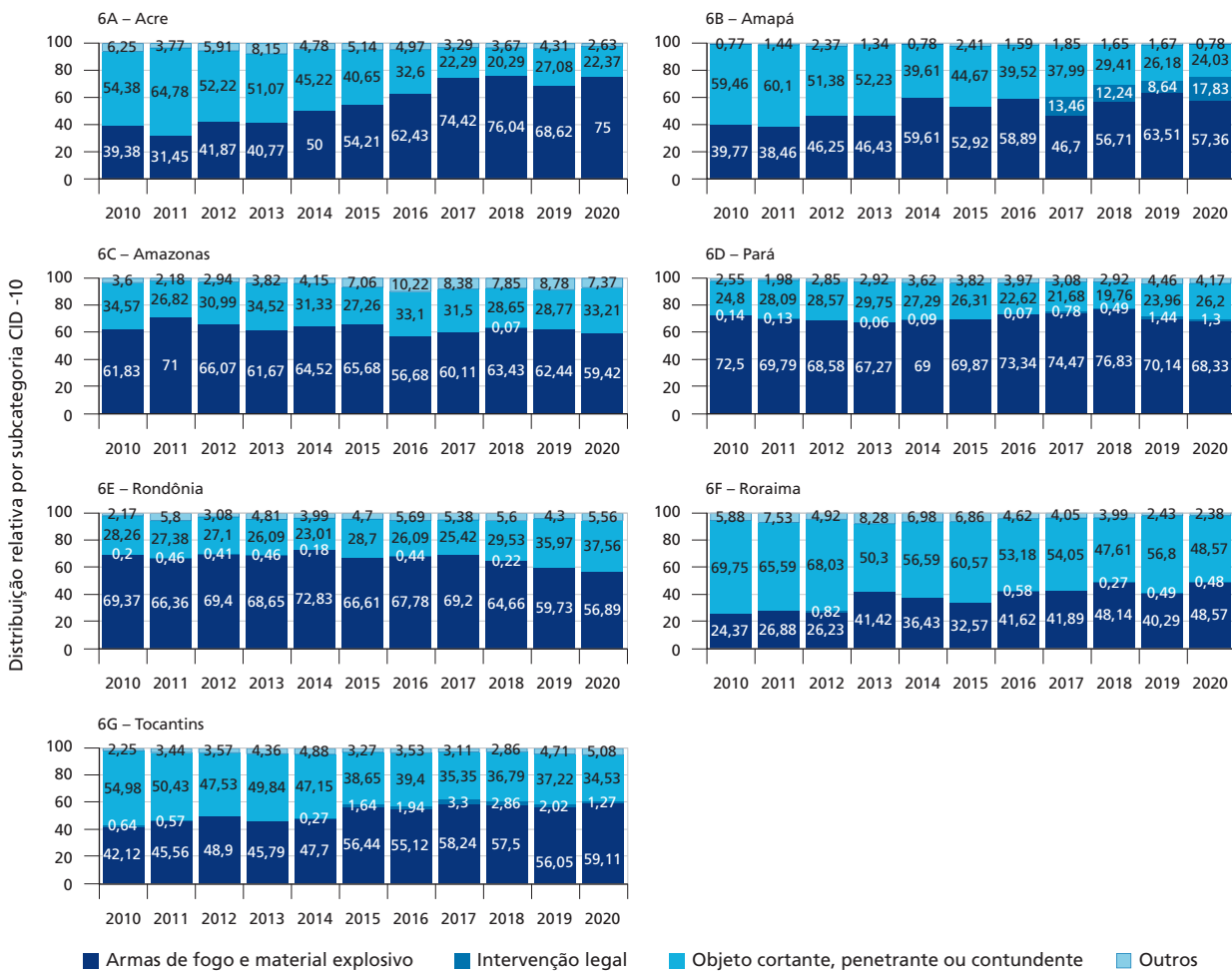
Nos municípios grandes, embora sejam apenas dois municípios no estrato, que são capitais, as taxas de homicídio são as mais baixas entre as três categorias de tamanho populacional, superior a 52,70 por ano para cada 100 mil habitantes entre 2011 e 2015, e 51,94 entre 2016 e 2020. A capital do Pará foi o município com a maior taxa, 56,18 entre 2011 e 2015, com um leve aumento entre 2016 e 2020, de cerca de 2,97%, superando 57,86 vítimas de homicídios por 100 mil habitantes por ano.

Por fim, a partir de agora, busca-se apresentar a conjuntura da violência para cada UF da região Norte ao longo do período analisado. Entre os aspectos analisados estão: categoria CID-10; por perfil de município (interior e região metropolitana); e por perfil demográfico. As avaliações foram conduzidas tanto do ponto de vista das taxas de homicídios por 100 mil habitantes como por distribuição de categorização.

Em primeiro lugar, considerou-se qualificar a distribuição da violência por instrumento utilizado pelo agressor, como armas de fogo e material explosivo, intervenção legal, objeto cortante, penetrante e contundente, e outros. No que concerne à violência, essas categorias configuraram-se como as principais, responsáveis pelo maior número de vítimas. O gráfico 6 apresenta a distribuição relativa ao longo do tempo para cada UF da região Norte por instrumento utilizado pelo agressor.

Conforme o gráfico, Amapá e Roraima tiveram um aumento expressivo na participação das mortes por armas de fogo, aproximando-se de 50,0% do total de vítimas de homicídios. No Acre, por exemplo, em 2010, as vítimas por armas de fogo correspondiam a 39,4% do total de homicídios, passando para 75,0% em 2020. Em outro aspecto, no Amapá ocorreu um aumento significativo de mortes por intervenção legal entre 2018 e 2020. No último período analisado, 17,0% das vítimas nesse estado foram provocadas pelas forças de segurança pública. O Amapá configurou-se como o estado com maior peso relativo observado ao longo da série histórica em relação a mortes por intervenção legal.

GRÁFICO 6
Distribuição do número de homicídios por instrumento utilizado pelo agressor nas UFs da região Norte
 (Em %)

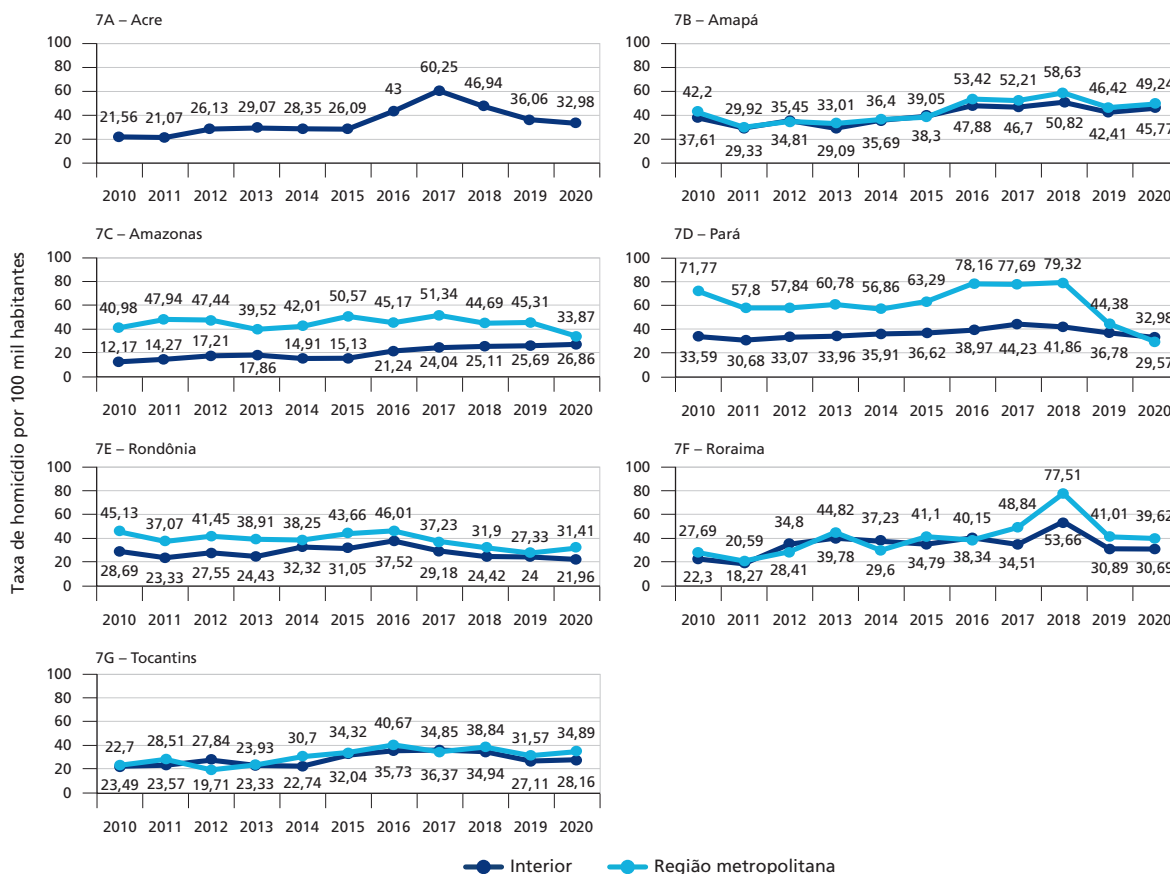


Fonte: IBGE.
 Elaboração dos autores.
 Obs.: O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

Nota-se que a segunda maior distribuição relativa na maioria das UF da região ao longo do tempo está associada aos homicídios provocados por objetos cortantes, penetrantes ou contundentes. Em Roraima, 69% das vítimas, em 2010, foram provocadas por este tipo de instrumento. No entanto, em 2020, esse tipo de ocorrência correspondeu a menos da metade dos casos. Parte dessa perda relativa na composição dos homicídios nas UFs ao longo do tempo, principalmente a partir de 2018, pode estar associada ao aumento da flexibilização do acesso a armas de fogo, por meio dos inúmeros decretos e portarias publicadas pelo governo federal entre 2018 e 2020. Esse estímulo ao armamento de civis tende a pressionar para que o peso relativo das mortes por armas de fogo aumente ao longo do tempo.

O gráfico 7 apresenta a evolução das taxas de homicídios por 100 mil habitantes por UFs entre as regiões interior e metropolitana. Conforme o gráfico, em pelo menos três estados da região Norte (Amapá, Roraima e Tocantins), não há uma diferença expressiva entre as duas categorias, ou seja, as taxas são relativamente próximas ou idênticas. No Pará e Amazonas, os municípios da região metropolitana tiveram taxas de homicídios superiores às observadas nos respectivos municípios no interior. Por exemplo, no Pará, a taxa de homicídios na região metropolitana foi superior a 71 homicídios para 100 mil habitantes, enquanto no interior não superou 34 vítimas em 2010.

GRÁFICO 7
Taxa média de homicídios por municípios do interior e região metropolitana nas UFs da região Norte



Fonte: IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: 1. O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

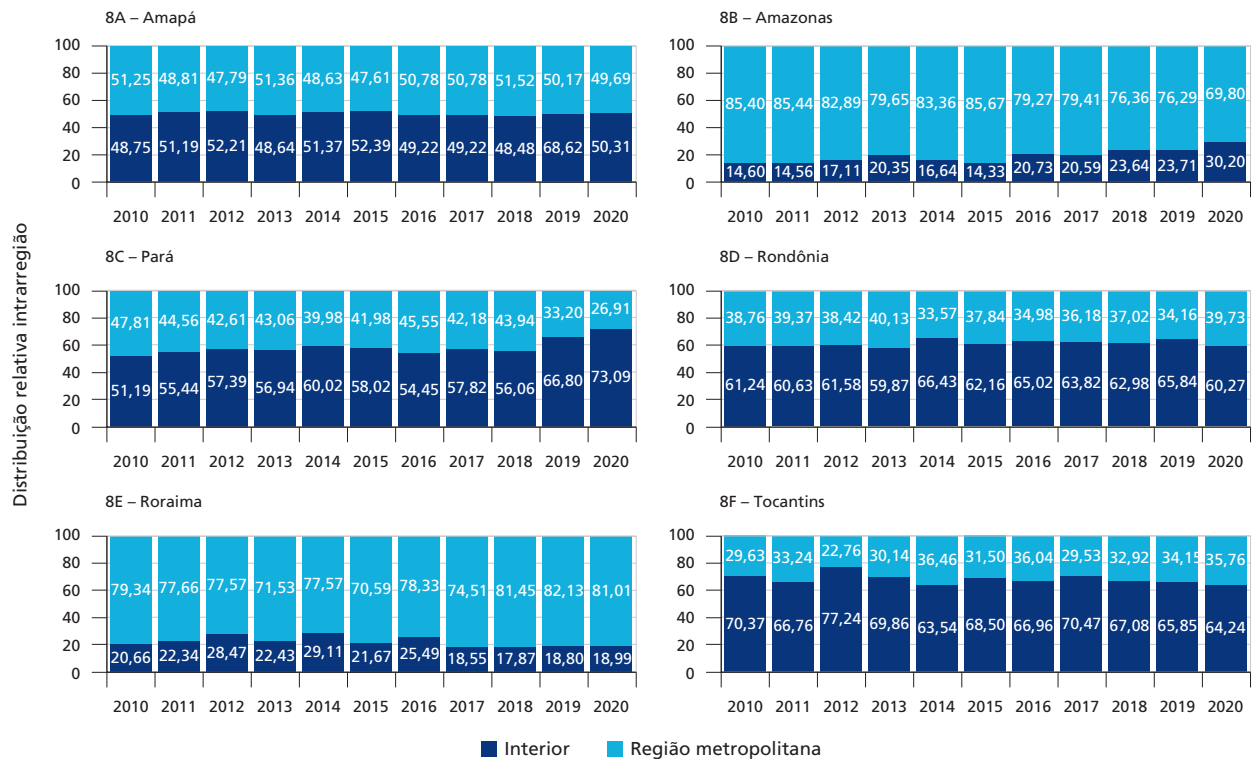
2. Acre não possui região metropolitana da capital.

De maneira auxiliar, é possível analisar a distribuição relativa entre o grupo de municípios do interior e região metropolitana por UFs durante o período analisado. O gráfico 8 apresenta a distribuição relativa dos homicídios em relação às categorias interior e região metropolitana. Nos estados do Pará, Rondônia e Tocantins, a maioria das vítimas ocorreu em cidades do interior dos respectivos estados, revelando uma forte interiorização da violência. No Amazonas e Roraima, a maioria das vítimas era de municípios da região metropolitana.

GRÁFICO 8

Distribuição do número de homicídios por municípios do interior e região metropolitana nas UFs na região Norte

(Em %)



Fonte: IBGE.

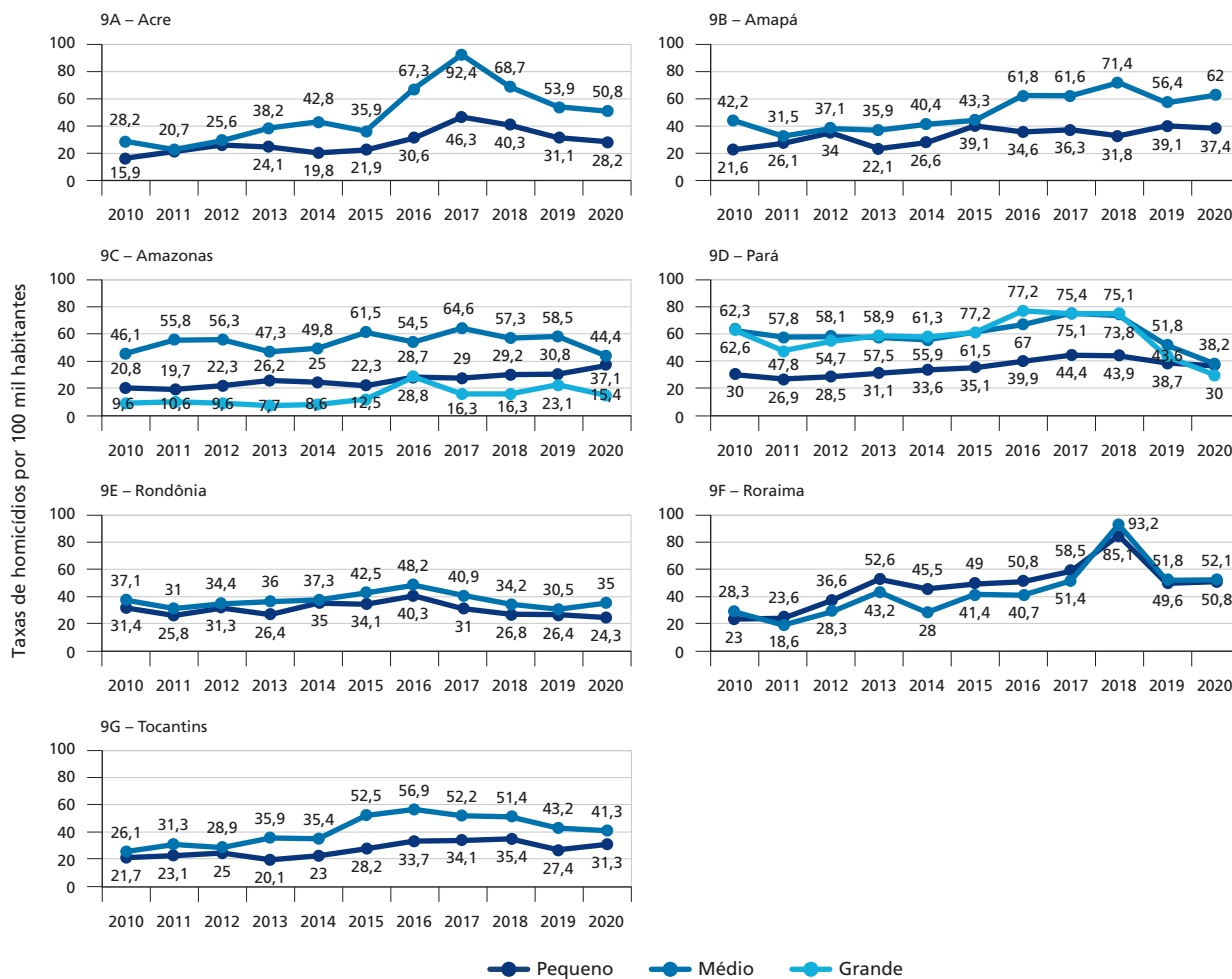
Elaboração dos autores.

Obs.: O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

Apesar de ser bastante heterogênea, a distribuição da violência entre municípios situados no interior e na região metropolitana, apresenta em alguns casos um aumento muito significativo para o interior, como no Amazonas e Roraima. Portanto, é necessário também analisar do ponto de vista do tamanho populacional das cidades. Para tanto, realizou-se uma avaliação considerando os seguintes critérios: municípios pequenos (0 a 100 mil habitantes), municípios médios (100 a 500 mil habitantes) e municípios grandes (acima de 500 mil habitantes).

Em primeiro lugar, busca-se compreender se os municípios pequenos, de forma agregada, apresentaram taxas inferiores às dos municípios médios e grandes. Em segundo lugar, busca-se identificar qual é a distribuição relativa considerando essas classificações por tamanho de cidade.⁵ Em alguns estados, não há municípios com população superior a 500 mil habitantes. O gráfico 9 mostra a taxa de homicídios por tamanho de cidade e por UFs entre 2010 e 2020.

GRÁFICO 9
Taxa média de homicídio por tamanho de município nas UFs da região Norte



Fonte: IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

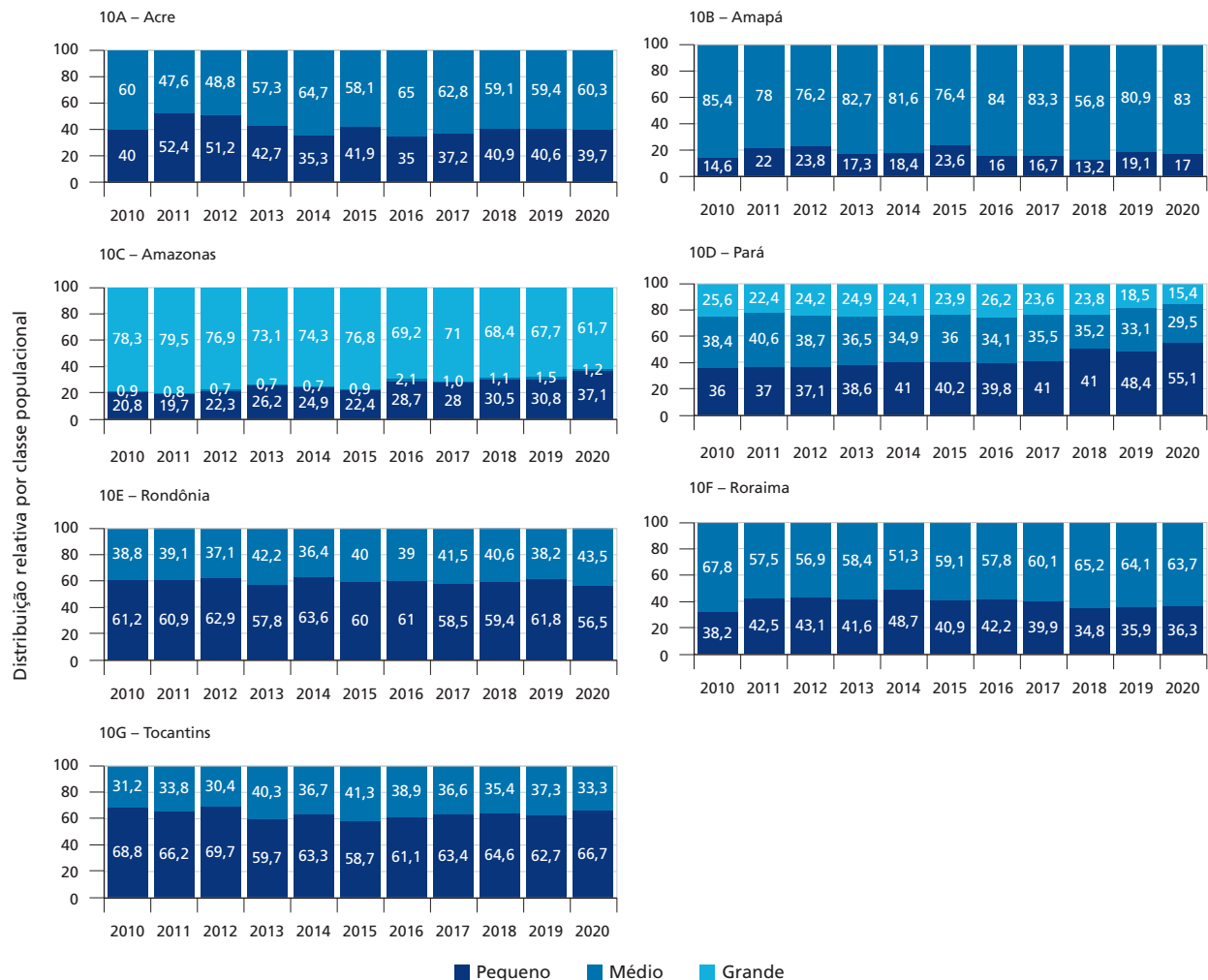
Observa-se que, tanto no Amazonas quanto no Pará, os municípios pequenos apresentaram um crescimento expressivo nas taxas de homicídios, sendo superior à taxa observada nos municípios médios entre 2010 e 2020, e no Pará ficou superior à taxa observada nos municípios grandes em 2020. Isso pode significar, ainda que de forma limitada, um possível aumento das dinâmicas criminais, como tráfico de drogas, garimpo ilegal e exploração de madeira, em áreas com menor infraestrutura de segurança pública ou com acesso mais restrito.

5. Cerqueira *et al.* (2013) adotou abordagem semelhante e verificou que entre 2000 e 2010 as taxas de homicídios nas cidades pequenas brasileiras estavam se aproximando das taxas encontradas nas grandes cidades.

Entretanto, em Rondônia e Roraima, as taxas entre municípios pequenos e médios se mantiveram quase que sobrepostas ao longo do tempo. Em Roraima, um caso à parte, em 2018, as taxas de homicídios superaram 85,1 para cada 100 mil habitantes. Esse quantitativo só não foi superior ao observado no Acre para os municípios entre 100 e 500 mil habitantes, quando em 2017 atingiu cerca de 92,4 para cada 100 mil habitantes.

Também é possível analisar a distribuição relativa das vítimas por categoria de tamanho de cidade ao longo do tempo. O gráfico 10 mostra o peso relativo das vítimas para cada UF ao longo do tempo por tamanho de município. Conforme o gráfico, a ocorrência de vítimas da violência em municípios médios foi maior no Acre, Amapá e Roraima, sendo superior a 50% em média.

GRÁFICO 10
Distribuição do número de homicídio por tamanho de município nas UFs da região Norte
 (Em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

Em Tocantins e Rondônia, a maior proporção de vítimas ocorreu nos municípios pequenos. O estado do Amazonas foi o único na região onde a maior parte das vítimas ocorreram nos municípios grandes (acima de 500 mil habitantes), mantendo-se acima de 70% na maior parte do período analisado. Por último, no Pará, a distribuição por tamanho de cidade apresentou um equilíbrio na maioria do período entre 2010 e 2020. A partir de 2017, ocorreu um aumento expressivo na proporção relacionada aos municípios pequenos, concentrando mais de 55% das vítimas em municípios com até 100 mil habitantes em 2020.

Observe que, ao associarmos os gráficos 8 e 10, podemos constatar que a violência no norte do Brasil teve dois movimentos bastante singulares: migrou para o interior e incidindo principalmente em municípios pequenos e médios. Provavelmente, a estrutura de policiamento e segurança pública nessas localidades não estava preparada para lidar com uma situação de maior intensidade de eventos relacionados à violência e à criminalidade, comprometendo a capacidade de responder e de frear o avanço dessa perturbação social.

4 CONCLUSÃO

Este artigo objetivou-se a descrever a situação da região Norte brasileira em relação às ocorrências de homicídios entre 2010 e 2020. Assim, pode-se constatar diversos padrões da violência nessa região, principalmente, por cada UF. Entre os pontos observados destaca-se um aumento da taxa de homicídios em algumas UFs, sendo a maior parcela das vítimas negras (pretos e pardos), do sexo masculino, com baixo nível de escolarização e entre as faixas etárias de 15 a 29 anos e 30 a 59 anos.

Outro fator em destaque ocorrido na região neste período analisado, está associado ao aumento da participação relativa das vítimas por armas de fogo em relação ao total de homicídios em algumas UFs. Isso demonstra que o acesso a armas permanece sendo um elemento determinístico para os homicídios.

Observou-se também uma convergência temporal entre as taxas de homicídio dos municípios menores em relação aos demais municípios, assim como entre os municípios do interior e os da região metropolitana.

Esses achados são relevantes para compreender as dinâmicas da criminalidade na região Norte, permitindo uma melhor identificação de grupos de maior vulnerabilidade e a formulação de estratégias eficazes para a redução da violência homicida nessas localidades.

REFERÊNCIAS

ACRE. Ministério Público do Estado do Acre. **Anuário de 2012-2021**: demonstrativo histórico de indicadores prioritários da violência e criminalidade no estado do Acre. 6. ed. Rio Branco: MPAC, 2022.

CERQUEIRA, D. R. de C. *et al.* A singular dinâmica territorial dos homicídios no Brasil nos anos 2000. *In*: BOUERI, R.; COSTA, M. A. (Org.). **Brasil em desenvolvimento 2013**: Estado, planejamento e políticas públicas. Brasília: Ipea, 2013. v. 3. (Série Brasil: o Estado de uma Nação Cidade).

COELHO, S. F. *et al.* Homicídios femininos no Maranhão, Brasil, 2000-2019: estudo ecológico. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, 2022.

COUTO, A. C. de O. Do global ao local: a geografia do narcotráfico na periferia de Belém. **Cadernos de Segurança Pública**, ano 4, n. 3, 2012.

FBSP – FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020**. São Paulo: FBSP, 2020.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2021**. Brasília: Ipea, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>.